



**DIFICULDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E A  
IMPORTÂNCIA DO LÚDICO  
DIFFICULTY IN THE LITERACY PROCESS AND THE  
IMPORTANCE OF PLAYING**

**WATANABE, Neusa Gois<sup>1</sup>**

**RESUMO**

A dificuldade no processo de aprendizagem na Alfabetização relacionada a consciência fonológica é uma realidade de muitas crianças das séries iniciais, muitas vezes devido a utilização de uma metodologia tradicional, desvinculada da necessidade específica da criança. Para auxiliar nas pesquisas e fundamentar esse artigo foi procurado as contribuições de alguns autores da linha de pesquisa pedagógica e psicológica, onde foi possível refletir sobre a dificuldade no processo de alfabetização relacionada a consciência fonológica e a importância da utilização do recurso lúdico como instrumento imprescindível para o desenvolvimento da aprendizagem. A realização deste trabalho, tem possibilitado a reflexão de como o educador deve sempre relacionar a teoria com a prática, promovendo um ambiente onde as práticas educativas sejam relacionadas à realidade do aluno, com o objetivo de facilitar o processo de alfabetização das crianças de uma forma lúdica e prazerosa.

**Palavras-chaves:** Dificuldade na aprendizagem. Alfabetização. Consciência Fonológica. Lúdico.

**ABSTRACT**

The difficulty in the learning process in Literacy related to phonological awareness is a reality for many children in the early grades, often due to the use of a traditional methodology, disconnected from the specific need of the child. To assist in the research and support this article, contributions from some authors of the pedagogical and psychological research line were sought, where it was possible to reflect on the difficulty in the literacy process related to phonological awareness and the importance of using the ludic resource as an essential instrument for the development of learning. The realization of this work has allowed the reflection of how the educator must always relate theory to practice, promoting an environment where educational practices are

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, pós-graduação em Psicopedagogia pela UNICSUL. Professora do Ensino Fundamental na rede pública. E-mail: neusagw@live.com

related to the reality of the student, with the objective of facilitating the literacy process of children in a playful and enjoyable.

**Keywords:** Difficulty in learning. Literacy. Phonological Awareness. Ludic.

## 1. INTRODUÇÃO

Durante o processo de alfabetização a criança necessita de oportunidades, de contato com a leitura e a escrita para que possa compreender que necessita de ambas para comunicar-se, e adquirir autonomia no seu contexto social. A aprendizagem deve está articulada com a realidade da criança de forma lúdica, promovendo interação e reflexão, despertando a vontade de aprender, com mais autonomia e participação.

A leitura e a escrita são extremamente importantes seja ela dentro do ambiente escolar ou no convívio social, esta conquista de aprendizagem acaba sendo um caminho difícil de ser trilhado pela criança, e foi refletindo sobre essa dificuldade de aprendizagem que passamos a buscar alternativas através de pesquisas para que possamos entender esse processo tão complexo e fundamental para a aquisição de melhores oportunidades na vida em sociedade. Este artigo tem como objetivo refletir sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita relacionada com a Consciência fonológica, prejudicando o processo natural da alfabetização; e também refletir sobre a utilização do recurso lúdico como ferramenta indispensável para a aprendizagem de forma significativa para a criança, que muitas vezes está desestimulada pelas práticas educativas tradicionais e mecanizadas.

Para haver êxito na aprendizagem, os conteúdos devem ser trabalhados de maneira que a criança vivencie situações que promovam autonomia e construção de novos saberes, possibilitando que posteriormente não venham apresentar grandes dificuldades. Para que haja sucesso, são necessárias práticas educativas relacionadas à realidade da criança, e que o aluno não seja apenas um ouvinte e sim convidado a participar, interagindo com o objeto do conhecimento e com o outro (colega, família, professor). Durante o processo de alfabetização, as crianças necessitam de uma metodologia que possa possibilitar através de jogos, brincadeiras

o interesse e o gosto pela aprendizagem de maneira significativa e contextualizada com a sua realidade.

Tem sido um desafio para os educadores ressignificar o ensino, dentro de um contexto lúdico, envolvendo a criança integralmente nesse processo de ensino e aprendizagem. É imprescindível que todo o educador venha refletir sobre as dificuldades no processo de alfabetização, buscando estratégias que possibilite a aprendizagem. Sendo, portanto, fundamental a utilização de recursos lúdicos para que as crianças aprendam de maneira significativa e prazerosa.

Justifica-se a relevância desse artigo, para compreendermos a importância de buscarmos estratégias para amenizar as dificuldades apresentadas na alfabetização em especial a Lecto-Escrita relacionada a Consciência Fonológica e como o Lúdico pode proporcionar uma aprendizagem prazerosa e significativa para as crianças durante o processo de alfabetização.

Para subsidiar a realização deste artigo contarei com as contribuições de alguns teóricos: Vygotsky, Capovilla, Emília Ferreiro, Freire, Alicia Fernández, entre outros que tratam de assuntos relacionados as questões das dificuldades de aprendizagem da alfabetização na lecto escrita relacionada a Consciência Fonológica, e da utilização do recurso lúdico como instrumento indispensável para despertar o desejo da criança pela aprendizagem, contribuindo significativamente no processo de alfabetização de todas as crianças. Desejo que este artigo venha contribuir e agregar mais conhecimento a todos que desejarem ler e se interessarem a respeito dos temas abordados.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1. DIFICULDADE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

O processo de Alfabetização não ocorre com êxito para todos os alunos dos anos iniciais, dificultando nos anos posteriores. A Resolução nº 3, de 3 de agosto de 2005, do Conselho Nacional de Educação indicou a nomenclatura a ser adotada para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Educação Infantil - 5 anos de duração - Até 5 anos de idade (Creche - Até 3 anos de idade e Pré-Escola - 4 a 5 anos de idade)

e o Ensino Fundamental - 9 anos de duração - Até 14 anos de idade (Anos iniciais - 5 anos de duração - de 6 a 10 anos de idade) e Anos finais - 4 anos de duração - de 11 a 14 anos de idade.

Segundo as Orientações Curriculares (São Paulo, 2007) – entende-se que de acordo com cada ciclo escolar, espera-se que a criança esteja mesmo que aproximadamente em uma determinada etapa de aprendizagem neste mesmo processo. Para tanto, são utilizadas intervenções do docente quando necessário, tais como as metodologias de abordagem, que surge do prognóstico de que tudo o que o educando venha a desenvolver tenha significado para ele. Sendo necessário ressaltar que toda criança tem o direito garantido por lei de aprender, e que cada ser humano aprende de forma diferenciada e não linear, portanto todo educador necessita proporcionar a criança o quão é aprazível o aprender, mas que para isso exigem esforços, aí está a importância do papel do educador em discernir os transtornos específicos de aprendizagem realizando intervenções individualizadas.

Quando observamos o contexto e a realidade em que os alunos estão inseridos na escola, percebemos que surgem inquietações sobre como ensinar de forma que o aluno consiga aprender. Percebemos que a metodologia adotada muitas vezes pelo professor não favorece a aprendizagem de todos os alunos, e desta forma alguns alunos são frustrados e desestimulados no processo de alfabetização. O processo de alfabetização acaba sendo prejudicado, devido as faltas de estratégias utilizadas nas salas de aulas e também das condições sociais e econômicas dos alunos.

A escolha de como se ensina deve estar então relacionada à compreensão de como a criança aprende e também ao entendimento de que na prática da alfabetização há pessoas (professores e alunos, adultos ou crianças) que são criadores de cultura e que são criados na cultura. Além disso, na decisão sobre os métodos e as técnicas é necessário que tenhamos definido o “para quê” da alfabetização. (KRAMER, 2010, p.100).

A habilidade da Lecto-Escrita possibilita que o sujeito aprenda a ler e escrever, ou seja, sendo ela um processo de construção que foi consolidado e se tornou hábil para aquela pessoa. Toda criança necessita de oportunidades, de contato com a leitura e a escrita para que possa compreender que necessita de ambas para comunicar-se.

De acordo com o livro *Psicogênese da Língua Escrita*, há quatro hipóteses que cada criança passa até que esteja devidamente alfabetizada; devendo ser realizada uma sondagem inicial contendo quatro palavras do mesmo campo semântico, sendo a primeira polissílaba, a terceira trissílaba, a segunda dissílaba e a quarta monossílaba e em seguida uma frase contendo alguma destas palavras e por último o educador deve pedir para a criança ler; podendo identificar em qual fase da escrita a criança se encontra.

- Pré-silábica: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada.
- Silábica: interpreta a letra a sua maneira, podendo está com ou sem valor sonoro.
- Silábico-alfabética: mistura a lógica da fase anterior conseguindo identificar algumas sílabas.
- Alfabética: já consegue dominar, o valor das letras e sílabas.

Na fase: pré-silábica a criança ainda não percebeu que existem letras para escrever. Esta fase pode ser dividida em nível pré-silábico 1 onde a criança ainda não estabelece uma relação necessária entre a linguagem falada e as diferentes formas de uma representação, acreditando que se escreve com desenhos, isto é, a grafia deve conter os traços figurativos daquilo que se escreve (tese da escrita figurativa) e nível pré-silábico 2, onde a criança já usa sinais gráficos, abandonando no traçado os aspectos figurativos daquilo que quer escrever. A criança descobre que desenhar não é escrever; que os adultos não escrevem desenhando objetos e as coisas que os rodeiam. Nos níveis intermediários, a criança busca equilibrar-se, encontrar o trilho perdido; na silábica: a criança atribui uma letra a cada sílaba; já na fase silábico-alfabética: começa a perceber que não é suficiente uma letra para representar uma sílaba e começa a utilizar-se de algumas sílabas inteira e na alfabética: ela escreve como se fala e começa a preocupar-se com erros ortográficos. (FERREIRO, 1992, p.64).

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, com períodos precisos para a dominação das etapas que a criança passa, com avanços e recuos, através de interações sociais, em casa ou em sua instituição de ensino, onde através de suas hipóteses a criança consiga dominar o código linguístico. Portanto há a necessidade de uma constante reflexão diante dos erros cometidos durante o percurso da aprendizagem, para que as crianças possam avançarem em suas hipóteses, se faz necessário intervenções e mediações constantes.

Analisando os ensinamentos de Ferreiro (2001), compreendemos que muitas das dificuldades que as crianças apresentam, durante o processo de aquisição da leitura e escrita, são por conta dos adultos que repassam as formas de aprendizagem para a criança, essas que tem facilidade em abecedar-se, no entanto, estes mesmos adultos são os responsáveis pelo intrincar que surgem no decorrer deste percurso, por esse motivo este é o momento em que as crianças apresentam maior dificuldade em compreender o que é a palavra, onde ela começa, onde ela termina e a importância de separar ou juntá-la a outra para melhor assimilação de sua função informativa e social, sendo esses problemas encontrados na fase de alfabetização.

De acordo com Freire (2016), o educador deve transmitir o conhecimento para o educando quantas vezes for necessário para o seu aprendizado; agindo desta forma possibilitará que a criança consiga refletir e construa a noção de letras, sílabas e palavras, comece a constituir coerência da fonética com a escrita. Quando a criança produz à escrita acaba por encontrar um transtorno que terá de elucidar de modo preciso, e só assim chegará a perceber quais as regras de edificação intrínseca desse agrupamento de sílabas.

A metodologia de estudo que se aplica nos casos de dificuldades de aprendizagem ortográficas durante a alfabetização, se baseia principalmente em aproximar o educando desse ambiente leitor, e fazer com que o mesmo vivencie o processo de ensino aprendizagem na prática: lendo e escrevendo, mesmo que não saiba ou não realize corretamente esses processos, o educador deve a todo o momento buscar intervir e mediar para que a criança, vivencie e faça parte do processo de ensino aprendizagem. Para Lener (2002), é somente quando a criança se apropria do processo de leitura e de escrita, que ela começa a fazer parte desse processo de ensino aprendizagem.

Participar na cultura escrita supõe apropriar-se de uma tradição de leitura e escrita, supõe assumir uma herança cultural que envolve o exercício de diversas operações entre os textos; entre eles e seus autores; entre os próprios autores; entre os autores, os textos e seu contexto. (LENER 2002, p. 1).

O ensino-aprendizagem escolar é considerado um processo natural por parte daqueles que estão inseridos no âmbito escolar, no entanto, muitos alunos durante o processo de alfabetização apresentam várias dificuldades em compreender concretamente o processo de leitura e escrita. Segundo Freire (2016), o início da vida leitora de um sujeito se dá por meio da leitura de mundo, feita através de objetos, expressões, figuras e etc. O ensino, portanto, deve ser contextualizado de acordo com a realidade da criança, possibilitando a alfabetização e o letramento.

Para ocorrer a escrita é necessária a articulação da função simbólica da consciência, do pensamento, da memória, da atenção e da percepção. Segundo Vygotsky (1998), a escrita é uma representação de segunda ordem. Ela se constitui por um sistema de signos, palavras escritas, que representam os sons e palavras da linguagem oral, que tem relação com o mundo real.

Assim como no brincar, também no desenho o significado surge, inicialmente, como um simbolismo de primeira ordem. Como já dissemos, os primeiros desenhos surgem como resultados de gestos manuais (gestos de mãos adequadamente equipadas com lápis); e o gesto, como vimos, constitui a primeira representação do significado. É somente mais tarde que, independentemente, a representação gráfica começa a designar algum objeto. A natureza dessa relação é que aos rabiscos já feitos no papel dá-se um nome apropriado. (VYGOTSKY, 1998, p. 146).

A criança precisa compreender que a escrita é um instrumento que tem uma função social: a função de expressar ou comunicar, ideias e sentimentos, ou seja, é um equívoco pensar que o ensino dos aspectos técnicos da escrita para a criança permite-lhe aprender a escrever e ler conforme requer o uso da escrita nos diversos contextos sociais em que há sua utilização.

A aquisição da leitura e a escrita é fundamental seja ela dentro do ambiente escolar ou em seu convívio social. Esta aquisição de aprendizagem durante o processo de alfabetização, acaba sendo um caminho difícil de ser trilhado para muitas crianças. Portanto é imprescindível que o educador busque estratégias que auxilie a mediação junto ao educando de forma prazerosa e possibilite a apropriação da habilidade da leitura e escrita, requisito tão necessário, para uma vida em sociedade usufruir dos benefícios de sua cidadania com autonomia.

De acordo com Capovilla (2000), crianças que apresentam dificuldade de assimilar a consciência fonológica, normalmente demoram a ler e escrever, e a



utilização de meios que favoreçam a consciência fonológica possibilitam as condições necessárias para ajudá-las a superar as dificuldades da escrita.

Consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à capacidade de manipular tais segmentos, e se desenvolve gradativamente à medida que a criança vai entendendo o sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas (CAPOVILLA, 2000).

CAPOVILLA (2000) orienta alguns procedimentos para que a criança venha desenvolver a consciência fonológica; ensinar correspondências grafo-fonêmicas: síntese silábica (unir as sílabas e dizer qual a palavra formada), síntese fonêmica (unir os fonemas e falar qual a palavra formada), rima (dentre as palavras, quais terminam com o mesmo som), aliteração (dentre as palavras quais começam com o mesmo som), segmentação silábica (separar as silabas), segmentação fonêmica (separar os fonemas), manipulação silábica (adição e subtração de silabas, formando nova palavra) manipulação fonêmica (adição e subtração de fonemas, formando nova palavra), transposição silábica (inverter as silabas e formar nova palavra) e transposição fonêmica (inverter os fonemas e formar nova palavra).

Ainda CAPOVILLA (2004), no princípio o esclarecimento grafo/fonema, e da fono/grafema são processos lentos para a criança, deixando-a embaraçada e cometendo erros na leitura e escrita de palavras mais complexas. Entretanto quando esta criança pratica a leitura e escrita vai cometendo menos erros, deixando a hesitação e formando palavras cada vez mais diversas. Sendo, portanto, necessário a intervenção e utilização de práticas e diversas estratégias para promover a consciência fonológica e desta forma avançar no seu processo de alfabetização e ter êxito na vida escolar.

A consciência fonológica tem sido estudada através de provas que visam avaliar a habilidade do sujeito, para identificar as características sonoras das palavras (tamanho, semelhança, diferença), e também para isolar e manipular fonemas e outras unidades como sílabas e rimas.

A criança deve compreender o princípio alfabético, deve possuir uma rotina de montagem que lhe permita combinar os fonemas correspondentes aos grafemas em palavras faladas, e deve ter uma memória de curto prazo desenvolvida o suficiente para permitir-lhe construir a pronúncia das palavras. A compreensão do princípio alfabético é obtida quando três pré-requisitos são

satisfeitos: a consciência de que a língua falada é segmentável em unidades, a de que essas mesmas unidades se repetem em diferentes palavras ouvidas, e o conhecimento das regras de correspondências entre grafemas e fonemas. (CAPOVILLA, 2000 p.25).

Segundo Soares (2014), a criança aprender a ler e escrever convivendo com a escrita. Quando chega à escola para ser alfabetizada, depara com grandes dificuldades dialéticas, a maneira como elas falam pode chegar próximo ou distante da língua escrita. A falta do domínio do sistema fonológico e o sistema ortográfico, vem sendo uns dos grandes problemas na alfabetização, esses problemas estão relacionados as diferenças sociais, uma criança que vive em condições mais favoráveis e convive com falantes de um dialeto oral mais próximo da língua escrita “norma padrão culta” e que tem contato com material escrito (exemplo leituras que lhe são feitas por adultos) é muito diferente do processo de alfabetização de crianças das classes populares.

CAPOVILLA (2000), o motivo de tantas teorias e muitas vezes contraditórias sobre as possíveis causas das dificuldades de consciência fonológica e de leitura e escrita é pelo fato da complexa matéria; no entanto foi observado que procedimentos para desenvolver consciência fonológica e ensinar correspondências grafo fonêmicas favorece a aquisição de leitura e escrita. A consciência de rimas e sílabas favorecem o domínio da leitura; e as competências desenvolvidas na leitura são fundamentais para o desenvolvimento das competências mais difíceis da consciência fonológica como as de manipulação (adição e subtração de sílabas) e transposição fonêmicas (inversão dos fonemas, formando novas palavras).

Quando o aluno toma consciência que a palavra escrita representa a palavra falada e há o entendimento de como essa representação acontece, o problema é solucionado, ocorre um avanço significativo no processo da alfabetização, nesse momento o aluno começa aceitar as intervenções com credibilidade dando importância ao valor da escrita para aplicar em todo seja dentro ou fora do ambiente escolar.

Freire (2016), nos afirma que ensinar também exige rigorosidade metódica e pesquisa. Sem dúvidas, um dos entraves para o bom desenvolvimento de estratégias para o ensino-aprendizagem da leitura e escrita relaciona-se à qualidade da formação

do professorado. Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática e que deve ser constantemente revista. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições necessárias para a sua própria produção ou a sua construção. Para muitos educadores o lúdico é perda de tempo ou para passar o tempo, não conseguem enxergar o seu valor, como importante instrumento para a assimilação do conhecimento sem sofrimentos para a criança.

## 2.2. A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO

O brincar possui um lugar de privilégio no coração da criança; a brincadeira e o jogo de faz de conta possibilita a construção do conhecimento, pois favorece momentos que fazem parte do cotidiano infantil, dando significados específicos ao seu mundo. De acordo com Vygotsky:

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no fato de esta atividade contribuir para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinadora na brincadeira. A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê. (VYGOTSKY, 1988, p. 127).

Vygotsky deixa evidente que a criança tem suas necessidades realizadas por intermédio do brincar; sendo muito importante para a satisfação da criança que essas necessidades sejam realizadas. Através do brincar a criança realiza as suas fantasias e experimenta as suas frustrações.

(...) se as necessidades não realizáveis imediatamente, não se desenvolvem durante os anos escolares, não existiriam os brinquedos, uma vez que eles parecem ser inventados justamente quando as crianças começam experimentar tendências irrealizáveis. (VYGOTSKY, 1988, p. 106).

Não devemos considerar os jogos e brincadeiras como simples passatempos, portanto é necessário avaliar e compreender qual seja o propósito que se pretende alcançar com determinado jogo ou brincadeira; sendo necessário haver um objetivo, e a busca de resultados do uso da lúdico. Todo o educador deve possibilitar que as atividades sejam favoráveis a exploração de diversas situações problemas, criando em sala a interação dos alunos, através de técnicas que incentivem a construção do

conhecimentos de todos alunos. Desta forma quando as crianças forem observadas jogando, trocando informações, aprendendo enquanto brincam, percebe-se que o elemento lúdico é indispensável no desenvolvimento infantil. Para Fernández:

O brincar possibilita o desenvolvimento das significações de aprender. O que no adulto aparece no motivo da consulta (a demanda, as fantasias de enfermidade e cura), principalmente na linguagem verbal, na criança expressa-se através da linguagem lúdica. Tanto uma linguagem como a outra, mostram e escondem, guardam e ocultam. (FERNÁNDEZ, 1990, p. 168).

A utilização do lúdico na alfabetização é uma importante ferramenta para a mediação, estimulando a criança por meio do material concreto; possibilitando a reorganização do pensamento, desenvolvendo a atenção, a cooperação, a memória, a aquisição da leitura e da escrita, ampliando o vocabulário, trabalhando a expressão corporal, a sequência lógica, favorecendo a aprendizagem sem sofrimento e de forma prazerosa e significativa para toda a criança.

O lúdico favorece a aprendizagem na alfabetização de forma prazerosa possibilitando a socialização e a construção do conhecimento através dos jogos, brinquedos e brincadeiras. O recurso lúdico no contexto pedagógico é um ótimo instrumento de suma importância, pois além de favorecer o ensino e aprendizagem possibilita despertar o desejo do aprender, desejo este que muitas vezes está adormecido no interior do sujeito e precisa ser estimulado através das intervenções pedagógicas no contexto escolar.

A autora Kishimoto (2003), faz muitas referências ao uso dos jogos no ensino, não no jogar livre, mas o uso dos jogos na escola mediado pelo educador considerando suas funções culturais e sociais. Essas ferramentas são indispensáveis para auxiliar o educando na construção da capacidade de pensar, oportunidade para o crescimento pessoal, refletindo positivamente na compreensão dos conteúdos, articulados com a sua realidade; possibilitando aprendizagens significativas e contínuas, promovendo interação e reflexão, estimulando a vontade de aprender, tornando-o mais autônomo e participativo em todos os momentos.

Vygotsky (1998), fala da importância da interação da criança com o adulto, essa interação irá desenvolver funções importantes que estão na zona de desenvolvimento proximal. O educador consciente dessas inúmeras possibilidades,

necessita agir como um mediador, intervindo e promovendo um ambiente propício para que a criança seja alfabetizada de forma significativa e prazerosa.

### **3. CONSIDERAÇÕES IMPORTANTES**

Ao escrever esse artigo foi possível compreender que a partir do momento que a criança descobre que a palavra escrita representa a palavra falada e que há o entendimento de como essa representação ocorre, o problema é solucionado, ocorre um avanço significativo no processo de alfabetização e no desenvolvimento da consciência fonológica, e também o aluno começa aceitar as mediações e intervenções com credibilidade dando importância no valor da escrita para aplicar em seu contexto social.

Todo educador necessita criar situações significativas para que o aluno se aproprie do conhecimento, fornecendo um ambiente acolhedor e estimulador; tem que agir como um mediador, promovendo um ambiente rico em interações e intervenções, onde a criança possa errar e reorganizar seus pensamentos em busca de soluções. Para que uma criança tenha êxito no seu processo de alfabetização, é necessário haver envolvimento por parte dela, dedicação do educador, apoio pedagógico e colaboração da família; que irá contribuir para a continuidade na vida escolar com mais autonomia.

Diante das pesquisas realizadas e da escrita desse artigo, foi possível refletir sobre as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização, apresentadas pelas crianças na aquisição da lecto-escrita, e que a promoção da consciência fonológica possibilita avanços significativos. A utilização do recurso lúdico possibilita que a criança seja alfabetizada de forma prazerosa e tenha êxito na vida escolar. Foi fundamental para refletir e compreender que todo educador necessita estar sempre avaliando a sua prática pedagógica, relacionando a teoria e a prática e desta forma promover a alfabetização de todo aluno, desenvolvendo estratégias para evitar o fracasso escolar, devido as lacunas deixadas durante o processo de alfabetização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra. **Alfabetização: Método fônico** 4 a edição revisada e ampliada FERNANDO C. CAPOVILLA – São Paulo Memnon, 2004.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra, CAPOVILLA, Fernando César. **Problemas de leitura e escrita**. São Paulo: Memnon, 2000.

DOT/SME. **Orientações Curriculares e Proposições de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental I: Primeiro ao Quinto Ano**. São Paulo, 2007.

Ensino Fundamental de Nove Anos: Passo a Passo do Processo de Implantação. Disponível: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=700-passoapasso9anos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=700-passoapasso9anos-pdf&Itemid=30192) Acesso em 21/01/2022 às 17h45min.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo, Cortez, 1992.

FERREIRO, Emília e LOPES, Maria da Cunha. **Com todas as letras**. 10ª Ed. São Paulo, CORTEZM, 2001.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Artmed Editora. Porto Alegre, 1999.

FERREIRO, Emília. **Hipótese da Psicogênese da Língua escrita** publicado em 19 de abril de 2017. <https://www.soescola.com/2017/04/hipoteses-psicogenese-lingua-escrita-segundo-emilia-ferreiro.html> Acesso em: 18/11/2021 às 17h50min.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire - 53ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7ª ed. São Paulo. Cortez, 2003.

KRAMER, Sônia. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo. Ática, 2010.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola**. O real, o possível e o necessário. Porto Alegre. Artmed, 2002.

MANUAL DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT), Disponível em: <https://www.normasabnt.org/>. Acesso em: 20/01/2022 às 17:25 min.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6º ed, p 13-26, São Paulo, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem. A Formação Social da mente**. São Paulo: SP Martins Fontes, p. 118-138, 1989.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**: O desenvolvimento de processos psicológicos superiores. 6ª ed. São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.